

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) em versos de cordel: uma análise dos folhetos do poeta Arinos de Belém¹

Geraldo Magella de Menezes Neto²
Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA

RESUMO

No período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a editora Guajarina, de Belém do Pará, publicou uma série de folhetos de cordel sobre o conflito. Entre os poetas que produziram folhetos destaca-se Arinos de Belém, pseudônimo de José Esteves. O objetivo deste artigo é de analisar os folhetos produzidos por Arinos de Belém, procurando entender sua particularidade em relação aos outros poetas da editora paraense, já que num primeiro momento escreveu versos elogiosos ao nazismo alemão e posteriormente versos humorísticos em relação à Hitler, ditador alemão, e Mussolini, ditador italiano.

PALAVRAS-CHAVE: Arinos de Belém; Folhetos de cordel; Segunda Guerra Mundial.

A Segunda Guerra como tema nos folhetos de cordel

O historiador inglês Eric Hobsbawm denomina o período 1914-1991 como o “Breve Século XX”. Segundo o autor, este século foi “marcado pela guerra”. Para Hobsbawm, não há como compreender tal período sem fazer referência ao grande conflito mundial. Para ele, viveu-se e pensou-se “em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam.” (HOBSBAWM, 1995, p. 30). Nesse sentido, o conflito mais marcante desse século parece ser a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De fato, este foi o maior conflito na história da humanidade, no que tange ao número de países envolvidos, a tecnologia utilizada, as perdas humanas, e as transformações na geopolítica mundial que causou.

Desde o início da Segunda Guerra, quando a Alemanha invade a Polônia em 1º de setembro de 1939, as notícias sobre o conflito ganharam destaque no Brasil e no Estado do Pará. As chamadas grandes mídias, como o jornal e o rádio, tratavam diariamente dos acontecimentos da guerra, que se sobrepunham aos acontecimentos locais. Nos jornais, por

¹ Trabalho apresentado no Grupo Temático “História da Mídia Impressa”, que integra o 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, realizados na Universidade Federal do Pará, nos dias 12 e 13 de novembro de 2012.

² Mestre em História Social da Amazônia pela UFPA. Bolsista CNPq do Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

exemplo, as notícias da guerra eram matérias de capa, e as notícias locais não raro ficavam relegadas às páginas secundárias.³ Tal profusão de notícias fez com que, conforme aponta Eric Hobsbawm, muitos lugares como os campos de batalha do Ártico, da Normandia, de Stalingrado, ou de assentamentos africanos, na Birmânia e nas Filipinas se tornassem “conhecidos dos leitores de jornais e radiovintes”. Tal faceta desses meios de comunicação permite dizer ainda, de acordo com Hobsbawm, que a Segunda Guerra Mundial foi também uma “aula de geografia do mundo.” (HOBSBAWM, 1995, p. 32).

Além da imprensa, a temática da Segunda Guerra Mundial vai ser alvo de outro veículo de comunicação, que não faz parte da grande mídia, mas que vai dar aos acontecimentos da guerra igual importância: a chamada “literatura de cordel”, que circulava por meio de folhetos.⁴ Para se ter uma ideia disso, Vicente Salles afirma que, em dezembro de 1942, a editora Guajarina⁵, de Belém do Pará, “reúne num só volume encadernado 12 folhetos sobre a Segunda Guerra Mundial”. (SALLES, 1985, p. 238).⁶ Essa grande quantidade de folhetos de cordel sobre a Segunda Guerra demonstra o interesse da população pelo assunto, pois o poeta só escrevia folhetos de interesse do público, pois só teria lucro se o que era tratado atraísse compradores de folhetos.

³ Ao analisarmos, por exemplo, os jornais *O Estado do Pará* e *Folha Vespertina* no período da guerra, poucas vezes encontramos notícias locais como matérias de capa, que se dedicavam quase que exclusivamente as últimas notícias sobre o conflito mundial.

⁴ Márcia Abreu afirma que para adequar-se à “estrutura oficial” da literatura de cordel, um texto deve ser escrito “em versos setessilábicos ou em décimas, com estrofes de seis, sete ou dez versos”. Deve seguir um “esquema fixo de rimas e deve apresentar um conteúdo linear e claramente organizado”. Deve, portanto, ter “rima, métrica e oração.” (ABREU, 1999, p. 119). O principal suporte do cordel é o “folheto”, que é impresso em papel pardo, de má qualidade, medindo de 15 a 17 x 11 cm. Nas capas se estampam o nome do autor, os títulos dos poemas, o nome da tipografia impressora e seu endereço. Algumas vezes, a data de publicação, o preço, a indicação do local de venda. (TERRA, 1983, p. 23). Em relação ao número de páginas, Joseph Luyten aponta que o folheto é feito a partir de uma folha tipo sulfite dobrada em quatro. Por isso, o número de páginas da literatura de cordel deve ser múltiplo de oito, já que cada folha sulfite dobrada em quatro dá possibilidade para oito páginas impressas. (LUYTEN, 2005, p. 45). Podemos dizer que hoje a internet também se apresenta como um suporte do cordel.

⁵ A editora Guajarina foi criada em Belém no ano de 1914, tendo como editor o pernambucano Francisco Lopes (1878-1946). Além da literatura de cordel, a editora publicava revistas como *O Mondrongo* e *Guajarina*, assim como uma coleção de modinhas. A editora encerra as suas atividades no ano de 1949. Segundo Vicente Salles, a Guajarina foi “o maior fenômeno editorial do Pará e seguramente um dos maiores do Brasil, no campo da literatura de cordel”. Sobre a Guajarina, ver SALLES, 1971, 1985; e MENEZES NETO, 2012.

⁶ São os seguintes: *Nascimento do Anti-Christo*, de Abdon Pinheiro Câmara; *A guerra da Itália com a Abissínia*, de Zé Vicente; *A batalha do Sarre*, de Arinos de Belém; *O afundamento do vapor alemão “Graff-Spee”*, de Zé Vicente; *A Alemanha comendo fogo*, de Zé Vicente; *A Alemanha contra a Inglaterra*, de Zé Vicente; *A guerra da Alemanha e da Polônia*, de Arinos de Belém; *A batalha da Alemanha contra a Rússia*, de Zé Vicente; *O fim da guerra*, de Zé Vicente; *O Japão vai se estrear!*, de Zé Vicente; *O Brasil rompeu com eles*, de Zé Vicente; e *As escrituras e a guerra atual*, de Apolinário de Souza. (SALLES, 1985, pp. 238-239). Esse número foi maior, já que Salles não cita, por exemplo, dois folhetos humorísticos de Arinos de Belém: *O Testamento de Hitler e Mussolini*, o *Ditador*. Além disso, também encontramos referências aos folhetos sobre a guerra na revista *Pará Ilustrado*, de janeiro de 1943, a qual trazia o seguinte anúncio: “Leiam: A Alemanha metida num saco. *Efusante* folheto de Zé Vicente, à venda em Belém”. (PARÁ ILUSTRADO, 9 de janeiro de 1943, p. 32).

Dentre os poetas que produziram folhetos sobre a Segunda Guerra podemos destacar o poeta Arinos de Belém, pseudônimo de José Esteves. Vicente Salles aponta que o poeta era natural de Belém, filho de espanhóis, com atividades intelectuais diversificadas no jornalismo, colaborando nas revistas *Guajarina* e *A Semana*. Fez parte do grupo liderado por Ernani Vieira, em torno do qual conviviam os “pequenos literatos” que não tinham facilidades para ingresso nos jornais e revistas de “maior conceito”. (SALLES, 1985, p. 185). No acervo do Museu da UFPA encontramos 18 folhetos do poeta,⁷ vários sobre o tema do cangaço tendo Lampião como personagem principal. Além disso, Arinos de Belém publicou folhetos sobre crimes de grande repercussão, como a história do “crime da Praça da República”, que trata do assassinato da peruana Izabel Tejada em Belém, caso que teve ampla repercussão na sociedade paraense no final de 1942 e início de 1943.⁸

Podemos dizer que os folhetos de Arinos de Belém sobre a Segunda Guerra pertencem à temática dos chamados “últimos acontecimentos”. São denominados “folhetos de acontecido” (CURRAN, 2001); folhetos “jornalísticos” ou “noticiosos” (LUYTEN, 1992); ou ainda “folhetos de época”. (TERRA, 1983). Esses folhetos informam sobre casos de grande repercussão, desde acontecimentos locais como crimes, acidentes, mortes de políticos importantes, até acontecimentos de âmbito nacional e internacional, como revoluções e guerras.

Vários autores destacam a importância desses tipos de folhetos como meio de informação. Joseph Luyten, por exemplo, discute a ideia de que esses folhetos “constituem um sistema de Jornalismo Popular, resguardadas as suas características de aperiodicidade, âmbito restrito e estruturação poética.” (LUYTEN, 1992, p. 13). Já Mark Curran amplia a abordagem de Luyten, ao dizer que o cordelista é também “historiador popular”. Para Curran, “o cordel como crônica poética e história popular é a narração em versos do ‘poeta do povo’ no seu meio, ‘o jornal do povo’”. (CURRAN, 2001, p. 20). Vicente Salles também ressalta a importância da literatura de cordel como meio de informação, destacando que “a história mundial e a do Brasil, bem como os acontecimentos locais marcantes, se tornam acessíveis ao povo, graças à literatura de cordel.” (SALLES, 1985, p. 153).

Desse modo, o objetivo deste trabalho é o de analisar os folhetos de cordel produzidos pelo poeta Arinos de Belém sobre a Segunda Guerra Mundial. Utilizaremos três folhetos: A

⁷ Certamente o número de folhetos publicados por Arinos de Belém é maior, já que só estão disponíveis no Museu da UFPA os folhetos que foram coletados pelo folclorista Vicente Salles durante as suas pesquisas, ou seja, os folhetos os quais ele teve acesso.

⁸ Para uma análise comparativa entre os jornais e os folhetos de cordel a partir do caso do “crime da Praça da República”, ver MENEZES NETO, 2011. Sobre a relação entre imprensa e cordel no Pará, ver ainda LACERDA, 2008.

*batalha do Sarre, Mussolini, o ditador e O testamento de Hitler.*⁹ A importância de analisar esses folhetos é que eles demonstram uma particularidade do poeta, que num primeiro momento publicou versos elogiosos à Alemanha nazista, demonstrando a sua simpatia pelo Eixo, mas depois publicou versos humorísticos em relação aos líderes do Eixo, Adolf Hitler e Benito Mussolini.

A batalha do Sarre e a simpatia pela Alemanha nazista¹⁰

A batalha do Sarre provavelmente é o primeiro folheto de Arinos de Belém sobre a Segunda Guerra Mundial. Apesar de não indicar a data de publicação, podemos supor que tenha sido publicado entre 1940 e 1941, já que trata da guerra entre Alemanha e França sem dizer o resultado final, que se deu com a derrota francesa em junho de 1940, e também porque sugere que foi publicado antes da entrada da União Soviética na guerra, em junho de 1941, como apontam os versos: “se a Rússia entrar em guerra/ trinta nações vão lutar.” (BELÉM, s/d, p. 12).¹¹

É importante nos referirmos ao contexto em que foi publicado este folheto. O período entre 1939 e 1941 é marcado pelas vitórias do Eixo na guerra. Até o final de 1941 a Alemanha ocupava a maior parte da Europa, e estava invadindo a União Soviética. O Japão ocupava várias ilhas do Pacífico e atacou a base norte-americana de Pearl Harbor. Tropas alemãs e italianas ocupavam o norte da África, alastrando a guerra para outro continente.

Segundo Vicente Salles, o folheto *A batalha do Sarre* se inicia de forma romântica, “até parece um romance-de-guerra: fala de bosques e de aves cantoras, do filho que se despede da mãe e vai para o campo de batalha lutar, como o pai lutara em outros conflitos”. (SALLES, 1985, p. 242). A primeira parte do folheto (o folheto tem 16 páginas) segue nesse tom romântico, com o poeta fazendo referência até aos deuses mitológicos: “Minerva e Marte se juntam/ dos canhões nos mesmos trilhos/ e tecem a trama imensa/ na qual põem fortes atilhos,/ e nos campos de batalha/ Saturno devora os filhos.” (BELÉM, s/d, p. 9).

A partir da página 12, Arinos de Belém vai tratar dos países envolvidos, seus regimes de governo, os motivos da batalha e suas conseqüências para o mundo. O poeta chama a atenção para a importância da batalha: “Dessa batalha tão terrível/ difícil de se narrar,/ depende a sorte do mundo/ já prestes a se arrastar.” (BELÉM, s/d, p. 12).

⁹ Arinos de Belém também produziu o folheto *A guerra da Alemanha e da Polônia*, contudo, não conseguimos localizar esse folheto.

¹⁰ Observação: os versos citados neste trabalho seguem a escrita da época em que foram publicados.

¹¹ O folheto indicava que se tratava de um “1º Fascículo”, recomendando ao leitor que aguardasse “brevemente a 2ª Parte”. Não sabemos se essa segunda parte chegou a ser realmente publicada.

Nas duas estrofes seguintes Arinos de Belém trata das ideologias envolvidas na guerra, o que aponta que essa guerra também era uma guerra ideológica:

O mundo então lutará
entre dois fortes partidos
que desde a guerra passada
ao mundo foram trazidos:
-Socialistas-democratas,
comunistas já perdidos. (BELÉM, s/d, p. 13).

A social democracia
luta enfim por derrotar
o colosso moscovita
num golpe espetacular
implantando as ditaduras
Hitler, Vargas, Salazar. (BELÉM, s/d, p. 13).

Na primeira estrofe, o poeta aponta as duas ideologias que estavam em luta, os “dois fortes partidos”: a social democracia e o comunismo. Aqui é necessária uma explicação: o que Arinos de Belém considera como social democracia são os regimes totalitários, como o nazismo e o fascismo. Ele não classifica as ideologias envolvidas na guerra em três (regimes totalitários, democracias liberais e o socialismo soviético), mas sim em dois (social democracia e comunismo). Devemos lembrar que Arinos de Belém é simpático ao Eixo, e procura retratar positivamente esse grupo, não classificando esses países como totalitários, o que poderia ter uma conotação negativa, mas como social democratas. A origem dessas ideologias, segundo Arinos de Belém, é da “guerra passada”, ou seja, da Primeira Guerra Mundial.

Na segunda estrofe, Arinos descreve o papel dos países da social democracia: “A social democracia/ luta enfim por derrotar/ o colosso moscovita.” O grande inimigo a ser derrotado era o comunismo da União Soviética, e os responsáveis por eliminar esse “mal” era o Eixo. O poeta faz referências às ditaduras de Hitler, Vargas, Salazar. Aqui o termo “ditadura” ganha uma conotação positiva, pois elas ocorreram “num golpe espetacular” para derrotar “o colosso moscovita.” Esses três personagens - Hitler, ditador alemão, Vargas, ditador brasileiro, e Salazar, ditador português – eram nomes significativos no combate ao comunismo. O comunismo só seria combatido através da implantação de ditaduras, que representariam a “social democracia”, que para o poeta é o melhor regime de governo.

Arinos de Belém se volta para a França e aponta que esta era agora “comunista”:

A França heróica de outr’ora
deixou-se atirar ao abysmo

da doutrina revoltante
de Lenine – o comunismo,
vendo-se hoje aperriada
do hitlerismo e do fascismo. (BELÉM, s/d, p. 13).

Dessa batalha do Sarre
depende a sorte do mundo,
pois se a França vence a luta
o descalabro é profundo,
e o comunismo francez
tem de morrer um segundo. (BELÉM, s/d, p. 13).

Nessas estrofes Arinos de Belém associa a França ao comunismo. Tal associação pode ter sido feita devido o Primeiro-ministro francês do início da guerra, Edouard Daladier, ser membro de um partido mais relacionado à esquerda francesa, o *Partido Radical*.¹² Contudo, isso não significava que a França havia se tornado comunista. Mas para Arinos de Belém, a França “deixou-se atirar ao abysmo/ da doutrina revoltante/ de Lenine – o comunismo.” O poeta relaciona o comunismo com o nome de Lênin, o líder da Revolução Russa, e o classifica como “doutrina revoltante”, expressando a sua repulsa pelos países que adotaram essa forma de governo. A culpa pela guerra entre a Alemanha e a França seria da própria França, que devido ter se tornado “comunista” via-se “hoje aperriada/ do hitlerismo e do fascismo.” A Alemanha, e também a Itália, já que é citado o fascismo, “salvariam” a França da “doutrina revoltante”.

Arinos de Belém também revela certo temor da França vencer a Alemanha, “pois se a França vence a luta/ o descalabro é profundo”. O mundo cairia na desordem, e para isso não acontecer “o comunismo francez/ tem de morrer um segundo”, ou seja, deveria ser eliminado rapidamente. A importância da batalha do Sarre se devia principalmente ao risco de uma vitória da França, que para o poeta era também a vitória do comunismo, daí a valorização da Alemanha pelo autor, pois este país seria o responsável por não deixar que o comunismo triunfasse e o mundo caísse na desordem.

Em outra estrofe, o poeta aponta um apoio dos governos à Alemanha: “Os governos democratas/ correm perigos sem fim,/ e por isso estão do lado/ do governo de Berlim,/ olhando a marcha da luta/ do princípio até o fim.” (BELÉM, s/d, p. 14). Se traduzirmos fielmente os versos, sem criticá-los, chegaríamos à conclusão de que países como Inglaterra, Estados Unidos, dentre outros, estavam ao lado da Alemanha contra a França. Entretanto, os “governos democratas” citados seriam os outros países ditatoriais, como a Itália, Portugal,

¹² Informações sobre o Primeiro-ministro da França Edouard Daladier consultadas no site: <http://www.ufcg.edu.br/biografias/EdouDala.html>. Acesso em outubro de 2012.

Espanha e quem sabe até mesmo o Brasil. Arinos de Belém inverte os conceitos de “democracia” e “totalitarismo”, caracterizando os países do Eixo como democratas.

Arinos de Belém também faz uma descrição da Inglaterra e do regime nazista:

A Inglaterra astuciosa
comunista em larga escala,
faz a vez de gente falsa
e por sua vez propala
esmagar o hitlerismo
a começar pela sala. (BELÉM, s/d, p. 14).

Mas o hitlerismo somente
quer do seu povo a grandeza,
liberdade, crença, as artes,
barriga cheia, riqueza,
trabalho honesto, alegria,
inteligência e nobreza. (BELÉM, s/d, p. 14).

Na primeira estrofe, Arinos faz um ataque direto à Inglaterra, acusando-a de “astuciosa/ comunista em larga escala/ faz a vez de gente falsa”. A utilização do termo “comunista” em relação à Inglaterra deve ter sido feita pelo fato de ela estar ao lado da França, a verdadeira “comunista”, e contra a Alemanha, o país que combate o comunismo. Devido a Inglaterra querer “esmagar o hitlerismo”, ela “faz a vez de gente falsa”, pois oficialmente diz que repudia o comunismo, mas está contra a Alemanha, e não ao lado dela para juntas eliminarem o “mal maior”, que é o comunismo.

Na segunda estrofe há um elogio ao hitlerismo. Esse regime alemão seria caracterizado por se preocupar com o povo em diversas questões, como a “liberdade”, que estaria relacionada a não pertencer a uma sociedade comunista, portanto o nazismo seria um regime de liberdade; “barriga cheia”, preocupação em alimentar o povo, não deixá-lo morrer por falta de alimentos; “trabalho honesto” e “riqueza”, que estariam diretamente associados a “alegria”, o nazismo proporcionaria a riqueza do povo através do trabalho, o que traria alegria e não sofrimento; “inteligência” e “nobreza”, relacionadas com “crença” e as “artes”, transmitindo uma ideia de que o povo alemão era superior aos outros, que tinha uma inteligência acima dos demais e que era um povo nobre, pois tinha um sangue ariano. Nessa estrofe Arinos de Belém revela a sua defesa em relação ao nazismo alemão.

No entanto, nos dois próximos folhetos de Arinos de Belém essa posição de defesa do nazismo e do Eixo na Segunda Guerra Mundial irá se alterar. Tratemos agora desses dois folhetos

Dois folhetos humorísticos: *O Testamento de Hitler e Mussolini, o Ditador*

Além do folheto *A batalha do Sarre*, publicado na coleção de 12 folhetos de cordel da Guajarina indicados por Vicente Salles, Arinos de Belém publicou mais dois folhetos sobre o tema da Segunda Guerra Mundial: *O Testamento de Hitler e Mussolini, o Ditador*. Esses folhetos se diferenciam completamente do primeiro publicado pelo poeta: eles não tratam dos eventos da guerra, antes procuram fazer uma descrição humorística de Adolf Hitler, ditador alemão, e Benito Mussolini, ditador italiano. Além disso, Arinos de Belém parece esquecer a simpatia que tinha pela Alemanha nazista e pelo Eixo e passa a retratar Hitler e Mussolini de forma caricata. Os folhetos não são datados, mas provavelmente foram produzidos no final da guerra, entre os anos de 1944 e 1945, pois Hitler (na fala do poeta) já admite a derrota, e o poeta fala na morte de Mussolini, que ocorreu em 1945.

Em *O Testamento de Hitler*, a narrativa é feita em primeira pessoa, como se Hitler estivesse relatando as suas atitudes no desenrolar da guerra. Segundo Arinos de Belém, Hitler, que era austríaco, odiava a Alemanha, e seu objetivo era destruí-la:

Agora deixo bem claro
qual era a minha intenção:
Riscar o Reich do mapa
para não ser mais nação
e fazer a Áustria grande
que era a minha questão. (BELÉM, s/d, p. 12).

Já no fim da guerra, com a derrota iminente, Hitler, de acordo com Arinos de Belém, ainda tem a esperança de ficar vivo e não ser preso:

Desejo que o Tio San
e o amigo João Bull
não me ponham no xadrez
mas sim n'um céu todo azul
ou na Hespanha ou Portugal
Argentina ou Stambul. (BELÉM, s/d, p. 15).

“Tio San” e “João Bull” representam Estados Unidos e Inglaterra. Hitler tinha a esperança que esses países não iriam prendê-lo, mas que algum país iria conceder o chamado “asilo político”. A referência a países como Espanha, Portugal, Argentina e Turquia é explicada pelo fato desses países se manterem neutros durante a guerra, não entrando em guerra com a Alemanha. Os governos desses países eram mais semelhantes aos regimes totalitários, sendo assim mais fácil eles concederem asilo a Hitler após a derrota da Alemanha.

No folheto *Mussolini, o Ditador*, Arinos de Belém retrata a vida de Mussolini, desde o seu envolvimento com o socialismo, depois com o fascismo, sua ascensão como ditador da

Itália, e depois sua entrada na guerra. A entrada da Itália na guerra, pelo olhar do poeta, seria fruto das ambições políticas de Mussolini:

E assim que a guerra rebenta
ele acompanha a Alemanha
e julgando-se invencível
nesta terrível campanha
sacóde a Itália na guerra
com sua ambição tamanha. (BELÉM, s/d, p. 14).

Após várias derrotas e com a ocupação da Itália pelas forças aliadas, Mussolini é morto em 1945. Arinos de Belém descreve a morte do ditador italiano da seguinte maneira:

E depois de tanto tempo
foragido aqui e ali
e Mussolini capturado
conforme se soube aqui
e em Milão enforcado
perante o povo dali. (BELÉM, s/d, p. 16).

Vaiado e escarnecido
pela grande multidão
que satisfeita o queimarão
numa praça de Milão;
esse povo libertou-se
do agressor de uma nação. (BELÉM, s/d, p. 16).

Percebe-se assim, a partir da leitura dos folhetos *O testamento de Hitler e Mussolini, o Ditador*, que Arinos de Belém procurou satirizar os ditadores do Eixo. Tais folhetos, que não deixam de informar o público, como no caso do folheto sobre Mussolini, assumem uma característica bastante distinta de *A batalha do Sarre*, que é justamente o tom humorístico utilizado, ao contrário do tom mais sério do primeiro folheto.

O contexto do Estado Novo e a censura do DIP

Após analisarmos os três folhetos de Arinos de Belém sobre a Segunda Guerra Mundial, como podemos explicar a mudança de postura do poeta, que em um primeiro momento mostra-se favorável ao Eixo e depois satiriza os líderes totalitários, Hitler e Mussolini? Para respondermos a essa questão torna-se necessário entendermos o contexto histórico no qual o Arinos de Belém escreveu.

Em primeiro lugar, não se pode esquecer que o poeta produziu folhetos no contexto do regime do Estado Novo. Em novembro de 1937 o presidente Getúlio Vargas fechou o congresso nacional com o apoio do exército sob o pretexto da ameaça comunista. A partir de

então, uma série de medidas de repressão aos opositores foram tomadas com o objetivo de fortalecer o poder central.

Nesse contexto, o Estado Novo cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Segundo Maria Celina D'Araujo, “o DIP não só preparava o material de propaganda do governo como controlava com censores todas as matérias da imprensa escrita e falada.” (ARAÚJO, 2000, pp. 38-39). A imprensa deveria ter a função pública de apoiar o governo e auxiliar no projeto nacional, e quem não agisse poderia ser punido inclusive com a desapropriação de seus bens. (ARAÚJO, 2000, p. 38).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o Brasil adota a postura de “neutralidade” diante do conflito.¹³ Esse período de “neutralidade”, que vai até o início de 1942, é caracterizado por uma divisão dentro do governo brasileiro em tomar uma posição. O Ministério de Getúlio Vargas estava dividido: de um lado estava Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, que era favorável a uma aliança com os Estados Unidos, ao lado dos Aliados; já do outro lado estavam Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, e Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, que eram favoráveis a uma aliança com o Eixo.

Essa divisão interna sobre qual a melhor posição a ser tomada não aparecia na imprensa, já que a mesma sofria censura do DIP. Não interessava ao governo tornar públicas essa divisão, e sim dizer que o país era um só, unido e coeso. Nesse sentido, a imprensa divulgava os acontecimentos da guerra, mas não cobrava do governo uma atitude de envolvimento no conflito, ao contrário, elogiava a posição de neutralidade, de que o Brasil deveria se manter distante da guerra.

Os folhetos de cordel também vão adotar esse discurso, de que o melhor a ser feito pelo Brasil era se manter distante da guerra. Apesar de alguns poetas demonstrarem simpatia a um dos lados em conflito, eles se limitam a relatar os acontecimentos, sem fazer cobranças ou críticas ao Estado Novo. Vicente Salles aponta que a abordagem da guerra nos folhetos “mostram a habilidade do poeta em informar seus leitores e, de alguma forma, contribuir para a formação da opinião pública”. (SALLES, 1985, p. 239).

Desse modo, no período 1939-1941, o período de “neutralidade” do Brasil, o poeta Arinos de Belém vai demonstrar uma simpatia pela Alemanha nazista. A escolha pela Alemanha nazista não era uma escolha das mais absurdas no período anterior à guerra e

¹³ Segundo Gerson Moura, “no caso do Brasil, a neutralidade diante da guerra na Europa entre 1939 e 1941 beneficiou-se de três fatores. Primeiro, a neutralidade dos EUA, que definiram para si próprios e para todo o continente a disposição de ficar de fora da guerra européia. Segundo, a convicção das lideranças militares brasileiras de que o país não se encontrava preparado para enfrentar as conseqüências de uma guerra moderna. Terceiro, a divisão política entre o Estado e a sociedade em relação à melhor aliança externa para o país.” (MOURA, 1993, p. 188).

principalmente com o avanço alemão na Europa nos anos de 1940-41. Segundo Antonio Pedro Tota, a ideologia do germanismo era atraente para muitos brasileiros que pensaram o futuro do país na década de 1930 e no início da década de 1940. O germanismo era, pois, um outro paradigma, que se apresentava como alternativa à dependência em relação à Inglaterra e à crescente influência dos Estados Unidos. (TOTA, 2000, p. 23).

Arinos de Belém também não cobra uma atitude de envolvimento do Brasil no conflito, de acordo com o que propagava o Estado Novo. Tal postura igualmente pode ser observada em outro poeta que escreveu folhetos sobre a Segunda Guerra Mundial, o poeta Zé Vicente,¹⁴ que apesar de demonstrar preferência pela Inglaterra contra a Alemanha, indo num sentido contrário à Arinos de Belém, também vai concordar com a postura de neutralidade do Estado Novo, como apontam os versos abaixo:

Mas aqui do nosso lado
barulheira ninguém faz,
quem quizer meter o peito
a gente empurra p'ra traz,
pois no nosso continente
o programa é haver paz. (VICENTE, 25/07/1945, p. 16).

O ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941 vai levar o Brasil a um alinhamento incondicional aos Estados Unidos e aos Aliados. Em 28 de janeiro de 1942, durante a III Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, o Brasil rompe relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). A declaração de guerra, após os afundamentos de navios mercantes, vai ocorrer em 22 de agosto do mesmo ano.

Nesse novo contexto, todos os que se mostraram simpatizantes dos países do Eixo eram vistos como inimigos. Além da perseguição aos “súditos do Eixo”, descendentes de alemães, italianos e japoneses, havia a “caça” aos chamados “quinta-coluna”. O quinta-coluna seria aquele que agiria no território brasileiro para contribuir com a vitória do Eixo na guerra. Seriam espiões que informavam dentre outras coisas o horário de saída dos navios dos Aliados para serem afundados por submarinos no Atlântico. Com os sucessivos afundamentos

¹⁴ Zé Vicente era pseudônimo de Lindolfo Marques de Mesquita. Durante longo tempo, quando jovem, fez jornalismo. Repórter da *Folha do Norte*, criou a coluna com crônicas humorísticas “Na polícia e nas ruas”. Passou depois para o jornal *O Estado do Pará*. Lindolfo Mesquita fez carreira administrativa e política. Foi prefeito da cidade de Vigia (1933), diretor do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) em 1943, diretor da Biblioteca e Arquivo Público do Pará (1944), deputado estadual (1947-1950) e juiz do Tribunal de Contas em 1957-1958 e 1967. Segundo Vicente Salles, “alçado nessas elevadas posições, repudiou a literatura de cordel. Mas, em tempos difíceis, o folheto chegou a sustentá-lo.” (VICENTE, 2000, p. 10).

de navios mercantes brasileiros pelos submarinos do Eixo, os jornais e os próprios folhetos de cordel, principalmente do poeta Zé Vicente, irão alertar para o perigo dos espiões no território brasileiro.¹⁵

Assim, se torna mais fácil entender as razões pelas quais o poeta Arinos de Belém não produziu mais folhetos de elogio à Alemanha nazista. Após o rompimento de relações do Brasil com o Eixo em janeiro de 1942, Arinos não tinha mais a liberdade de demonstrar a sua simpatia pela Alemanha, havia um limite, pois o regime do Estado Novo exigia que todos estivessem ao lado de Getúlio Vargas na luta contra o Eixo. Quem demonstrasse simpatia pelo Eixo era visto como inimigo do Brasil, como quinta-coluna, e poderia ser preso. Dessa maneira, para dissipar qualquer dúvida de que ele não era um “quinta-coluna”, e para demonstrar que estava ao lado do Brasil, o poeta produz dois folhetos de cordel retratando de forma caricata os ditadores do Eixo.

Entretanto, não se pode descartar que Arinos de Belém tenha continuado a publicar folhetos favoráveis a Alemanha nazista. Tais folhetos podem não ter circulado devido à censura do DIP. Mark Curran afirma que “os poetas humildes ainda estavam sujeitos à censura do governo, à época da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do regime de Getúlio”. (CURRAN, 2001, p. 119). Um bom exemplo disso é o caso do poeta e editor João Martins de Athayde, de Recife, que segundo Curran, teria queixado-se “de haver nada menos que cinco poemas novos detidos pelos censores, em outubro de 1944”. (CURRAN, 2001, p. 119). Nesse sentido, os poetas vão se posicionar de acordo com o que propagava o Estado Novo. Era mais fácil publicar folhetos elogiosos ao regime, de louvação ao Brasil, do que criticar o governo.

É importante ressaltar que os poetas escreviam os folhetos num contexto de limites e possibilidades: enquanto podiam manifestar suas preferências, assim o faziam. Contudo, após o envolvimento do Brasil na guerra, não havia mais possibilidades, tinham que produzir folhetos exaltando o Brasil e repudiando o Eixo. Apesar disso, seus versos não são menos importantes, ou meros reprodutores da ideologia dominante, pois como “jornalistas populares” cumpriam sua função de informar os últimos acontecimentos, transformando as notícias do jornal para uma linguagem em versos dos folhetos, atendendo à demanda da população, cada vez mais ávida por assuntos referentes às batalhas da Segunda Guerra Mundial.

¹⁵ Para uma análise dos versos de Zé Vicente contra os “quinta-coluna” e a representação dos japoneses nos folhetos de cordel, ver MENEZES NETO, 2008.

Referências

Folhetos de cordel - Acervo Vicente Salles - Museu da UFPA

BELÉM, Arinos de. **A batalha do Sarre** (1º Fascículo). Belém: Guajarina, s/d.

_____. **Mussolini, o ditador**. Guajarina, s/d.

_____. **O testamento de Hitler**. Guajarina, s/d.

VICENTE, Zé. **A Alemanha comendo fogo**. Belém: Guajarina, edição de 25/07/1945.

Revista – Seção de Obras Raras da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves
Pará Ilustrado, ano 2, n. 127, 9 de janeiro de 1943.

Site consultado:

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/EdouDala.html>

Bibliografia

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ARAUJO, Maria Celina Soares D'. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LACERDA, Franciane Gama. Imprensa e poesia de cordel no Pará na primeira metade do século XX. **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.

LUYTEN, Joseph. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

_____. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **A Segunda Guerra Mundial nos folhetos de cordel do Pará**. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2008.

_____. A notícia em versos: relações entre jornais e folhetos de cordel no Pará na primeira metade do século XIX. **Fronteiras: Revista Catarinense de História** [on-line], Florianópolis, n.19, pp. 53-72, 2011.

_____. **Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2012.

MOURA, Gerson. Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-42. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 12, p.177-189, 1993.

SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. **Revista Brasileira de Cultura**. Rio de Janeiro, jul./set. 1971, nº 9, pp. 87-108.

_____. **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global Editora, 1983.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VICENTE, Zé (1898-1975). **Zé Vicente**: poeta popular paraense. Introdução e seleção Vicente Salles. São Paulo: Hedra, 2000.